



EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: EXPERIÊNCIAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM CODÓ-MA

Luis Eduardo da Conceição¹; Criciane Melo Sousa²; Silvano Neves de Oliveira³; Orientador:
Francisco Waldílio da Silva Sousa⁴

Universidade Federal do Maranhão – Campus VII – Codó.

luisedu034@gmail.com¹

criciane_melo@hotmail.com²

oliveirasilvano726@gmail.com³

waldiliosiso@gmail.com⁴

Resumo: Neste trabalho foram desenvolvidas atividades com alunos de uma escola pública da Cidade de Codó, no estado do Maranhão (MA). Com o intuito de contribuir para que os educandos obtenham conhecimentos mais sistematizados diante das disciplinas que abordam o ensino da história, Sem dúvida, a riqueza da diversidade do Brasil está presente do ambiente escolar, nesse sentido entendemos ser por demais profícuo explicar a problemática que os estereótipos raciais têm na configuração do preconceito e da discriminação, e, principalmente, preparar os alunos para o enfrentamento destas desigualdades sociais. Na metodologia utilizada esteve presente o uso de contos clássicos Infante-Juvenis, além de estratégias lúdicas e recursos áudio visuais. Um dos auge das atividades foi a interação dos alunos com alguns paradidáticos e uma ilustração da “árvore efeméride” fundamentada na cláusula art.11. § 3º da lei nº 12.288. Este trabalho tem como referencial teórico os seguintes autores, entre outros, Luvizotto (2009), Fredrik Barth (1984); Silva (2012), dentro dos limites desse trabalho, utilizamos procedimentos de cunho interventivo e participativo. Serviu-nos ainda de base teórica o 10º volume dos PCN’s, correspondente aos assuntos que tange a pluralidade cultural e a orientação sexual. Após a explanação de toda a atividade trabalhada, foram analisados quanti e qualitativamente a participação dos alunos partícipes.

Palavras-chave: Relações Étnico-raciais, Escola, Educação.



Introdução

A importância da abordagem das relações étnico-raciais no ensino da história e da cultura afro-brasileira são incontestáveis, visto que tais práticas permeiam todas as ações humanas, sejam elas no ambiente familiar, social e escolar. Propostas que abordam estes assuntos estão presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), para serem trabalhados em todas as disciplinas curriculares consideradas obrigatórias no ensino fundamental e médio e, de forma mais específica, na Lei 10.639/2003. Ainda sobre os PCN's, estes estão estruturados em dez volumes, sendo o primeiro volume é um apanhado geral de todas as disciplinas curriculares, e, do segundo volume ao oitavo, contém os conteúdos das disciplinas obrigatórias.

O décimo volume caracteriza-se por sua transversalidade, ou seja, trata de temas que devem estar presentes em todas as disciplinas curriculares, por se tratar de assuntos peculiares, simbólicos e típicos de uma sociedade heterogênea como o Brasil. Vale lembrar que a história da educação em nosso país, “[...] é marcada pelas relações de gênero e raça e, é exatamente nesse ponto que os Temas Transversais são emancipadores, uma vez, que ousa colocá-los como pauta relevante e necessária na roda de conversa da educação”, como observa SILVA (2012).

O papel da escola hoje, indubitavelmente, é o de formação e desenvolvimento de cidadãos, reconhecendo a influência da história e da cultura africana em relação à cultura brasileira, “dando-lhe o valor merecido no contexto educacional, possibilitando ao aprendiz trilhar pelo caminho da cidadania de forma crítica em relação aos condicionantes que determinam a situação que observamos atualmente no Brasil”, conforme assevera PAIVA (2012).

Nessa perspectiva, a educação é um dos principais meios de transformar a sociedade, compreendendo a mesma nos seus aspectos das diversidades e pluralidades. Depois de longos debates, e participação significativa dos movimentos sociais, foi aprovada em 2003 a Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de História, Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas de ensino fundamental e médio. A inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino estudos da História e Cultura Afro-Brasileira, sendo este um componente curricular obrigatória, confirma a existência de um problema que espera ser resolvido, também, a partir da educação.

Com esta problemática e a necessidade de colocar estas informações a serem discutidas pelos alunos, este trabalho tem o intuito de contribuir para que os educandos obtenham mais



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

conhecimentos sobre tal temática, compreendendo, nesse sentido, que a riqueza da diversidade do Brasil está presente no ambiente escolar.

É preciso, pois a nosso ver, discutir a problemática que os estereótipos raciais têm na configuração do preconceito e da discriminação, e, sobretudo, preparar os alunos para o enfrentamento/ superação destas situações de segregação. As atividades realizadas neste trabalho utilizaram metodologias de intervenção de cunho participativo, na intenção de facilitar a compreensão dos conceitos apresentados e de valorizar os alunos, além de proporcionar uma efetiva participação de tais sujeitos partícipes.

Etnicidade e Diferenciação Racial: trajetórias históricas e teóricas

Tratar sobre pluralidade cultural é sempre uma questão polêmica, pois todo o sistema educacional foi pensado a partir de uma cultura eurocêntrica, assim, o outro, o ser que foge ao fenótipo esperado conforme sinaliza SILVA (2012), esta autora explana que tal temática é “[...] carregada de moralidade, marcadas pela história de opressão que desenha uma parte significativa de nossa história”.

Isso nos remete aos primórdios do processo de colonização no Brasil, a chegada da Companhia de Jesus que divulgaram as suas crenças e costumes, ativando o processo de aculturação, mas, atualmente trabalha-se com a ideia de hibridismo, uma vez, que quando uma cultura absorve traços de outra cultura, essa cultura sofre alterações não sendo mais a mesma, entretanto, continua sendo percebida como cultura, na qual esse novo traço cultural faz parte, passando a ser característico dela (MICHELIN,2008; CANCLINI,1997; RUIZ, 2002; COSTA,2009), que acaba resultando essa pluralidade de culturas, etnias e diferenças raciais que está presente no Brasil, quando nos debruçamos sobre o início do processo de colonização, percebemos como se engendrou os modelos hegemônicos de ser humano: homem, branco, alto, católico, urbano, sem deficiência. Segundo PAIVA (2012),

[...] em seus estudos aponta que a instituição escolar é um espaço privilegiado de formação dos cidadãos e cidadãs, por isso se faz necessário à contribuição da mesma em alterar esta discrepância histórica nacional, apresentadas pelas situações de exclusão e de invisibilidade às quais advêm desde a colonização Lusitana em relação a toda uma população de afrodescendentes e africanos.

Considerando que no cotidiano do ambiente escolar, que sempre é marcada por grandes variedades de sujeitos envolvidos, as relações sociais visam mudanças de valores em favor da construção de uma sociedade livre de toda e qualquer



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

discriminação. Com base nos estudos de SILVA (2012) discutir as pendências que são evidentes no ambiente escolar “[...] a falta de preparo, falta compromisso com a causa, falta politicidade e etnicidade na escola”.

Ao que tange as questões da etnicidade no âmbito escolar, diversos autores define os motivos e ampliam que seus representes está presente no ambiente escolar. Segundo Barth (1998), a etnicidade se define nas fronteiras, ou seja, quando há o contato entre dois grupos diferenciados, as fronteiras destes definem a sua etnicidade por meio das diferenças formando grupos étnicos. Barth (1998) também ressaltar que só e possível “definir grupo étnico como uma forma de organização social, que expressa uma identidade diferencial nas relações com outros grupos e com a sociedade mais ampla”. Villar (2004) em sua crítica da obra barthiana afirma “o grupo étnico é o “sujeito” da etnicidade: embora possa haver grupos que compartilhem uma mesma cultura, as diferenças culturais não conduzem à formação ou ao reconhecimento de grupos étnicos distintos. Santos e Marques (2012) registram que “um grupo étnico é mais do que um ajuntamento de pessoas, às pessoas deve ser agregado seu pertencimento histórico e cultural”.

Esse acúmulo de heranças culturais e o que predominar nas distinções desses grupos sociais/étnicos. Nos estudos de Luvizotto (2009) observamos que a etnicidade está além da definição de culturas específicas e, portanto, é composta de mecanismos de diferenciação e identificação que são acionados conforme os interesses dos indivíduos em questão, assim como o momento histórico no qual estão inseridos.

No Brasil, por exemplo, o reconhecimento de diferenças étnicas e expressões que podem ser chamadas de etnicidades – manifestadas por meio de identidades específicas – ocorrem nas populações indígenas e negras, até de modo mais explícito, porque esses grupos sofrem mais, objetivamente, processos de discriminação e preconceito Luvizotto (2009), e quando esses processos entrelaçam-se, passa a mecanismos que contribuem para produção e manutenção das desigualdades raciais e da estratificação social.



Percurso metodológico

No que se refere a metodologia trabalhada nesse estudo, destacamos as seguintes observações: Primeiramente, ao ser escolhido essa temática, pesquisamos fontes bibliográficas que pudessem fornecer maiores informações sobre o tema; consultamos professores mestres nestes assuntos, nos voltamos a leitura de artigos e livros que retratam sobre as questões da etnicidade e diferenciação racial.

Foi escolhido para a atividade escolas da rede municipal, na qual a Escola Municipal Remy Archer, que gentilmente nos concedeu a permissão para a realização dessa pesquisa. A execução partiu de uma apresentação prévia do eixo temático e se aplicou um pré-questionário. Adiante, prosseguiu com a formação de grupos de discussão, foi exibido um exemplo para melhorar o conceito de discernimento através do uso da música crítica “Racismo é burrice” do compositor Gabriel O Pensador. Em seguida, fizemos questionamentos de forma estratégica, através de uma “árvore efeméride”, a fim de exibir aos alunos personagens que foram importantes para a luta contra a discriminação racial. Brasil (1997) afirma que essa abordagem didática dá condição para que a criança entenda e interaja de forma mais eficaz.

Utilizamos como recursos didáticos contos infanto-juvenis abordando as temáticas trabalhadas, tais como: O Menino Marrom (de Ziraldo Alves Pinto); Menina Bonita do Laço de Fita (de Ana Maria Machado) e Zumbi dos Palmares (de Renato Lima).



Resultados e Discussão

Ainda hoje o ambiente escolar, também tem sido propagador de preconceitos, estigmas e rótulos, e, por que não dizer, reproduzidor de desigualdades sociais. Silva (2012) defende a necessidade de ampliar as discussões sobre a função social da escola, resultando na importância de formar escolas que sejam democráticas, inclusivas, competentes, solidárias, políticas, criativas e plurais. A fim de minimizar estas problemáticas na educação, foi criada a Lei no 10.639, de 09 de janeiro de 2003 no seu Art. 26-A, declara que “nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, é obrigatório o estudo da história geral da África e da história da população negra no Brasil”.

Teoricamente, essa lei garante a abordagem da história e cultura afro-brasileira e africana, tais assuntos devem ser discutidos e aplicados em sala de aula, essa é uma das tentativas de facilitar a compreensão dessas diferentes formas de organização social, de diferentes grupos étnicos e culturais, bem como de valorização de segmentos sociorraciais historicamente discriminados. Essa questão de inserir na educação, os estudos da cultura africana e afro-brasileira, sendo aplicada como um componente curricular obrigatória é a confirmação da existência de um problema social que pode ser resolvido junto à escola. Sendo este o primeiro passo plausível para tentar reescrever a nossa história sem discriminação e preconceito. Silva (2012) defende que o [...] enfrentamento ao pensamento eurocêntrico precisa ser feito diariamente na comunidade escolar, desconstruindo conceitos e paradigmas pré-concebidos por essa sociedade.

Pensando na necessidade de discutir estes assuntos em sala de aula, foram realizadas algumas atividades que induziram os alunos a um diálogo, pois ao invadir o “universo infantil tal como se apresenta, complexo e diversificado, a partir de relatos das próprias crianças, poderá ser a porta de entrada para que o aluno tome consciência da pluralidade Cultural”. (Brasil 1997). Despertando assim o seu conhecimento prévio acerca do assunto discutido. Após este momento, aplicou-se o pré- questionário, este teve como base levantar quais são as ideias que os alunos possuíam sobre o assunto abordado.

Seguido da aplicação dos questionários, criamos junto com os alunos, um grupo de discussão, trabalhando a temática abordada pela música e vídeo sobre a crítica: “Racismo é burrice”, que gerou debates acerca de ideias contextualizadas a partir da letra da música. A partir destes debates, levamos em consideração as ideias contextualizadas a partir de mudanças históricas através de personagens negros



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

que foram importantes para a luta contra a discriminação racial; através da estratégia lúdica da “árvore efeméride”, sendo esta fundamentada no preceito Art. 11. § 3º-da lei Nº 12.288, onde o inciso declara que “as datas comemorativas de caráter cívico, os órgãos responsáveis pela educação, incentivarão a participação de intelectuais e representantes do movimento negro para debater com os estudantes suas vivências relativas ao tema em comemoração”.

Baseado nisto, a aplicação da árvore teve o intuito de exibir aos alunos, através de datas “comemorativas” personagens que deixaram um vestígio de sua luta no mundo, como podemos destacar: 20 de Novembro (onde o negro é lembrado como um escravo que foi alforriado, lembrando de Zumbi dos Palmares), Luiz Gonzaga Pinta da Gama, Nelson Mandela, Martin Luther King e outros, que lutaram contra a desigualdade racial.

Em seguida foi aplicada outra atividade através do uso de paradidáticos, apresentando aos alunos contos infantis relacionados à temática abordada, como: Zumbi dos Palmares (Neste livro a autora discuti que Zumbi “é referência para todo brasileiro que deseja um país melhor em que todos possam viver bem, sem ninguém sendo explorado por ninguém e no qual as diferenças culturais sejam respeitadas”), enquanto no livro O Menino Marrom (O autor descreve a história de dois meninos, um negro, marrom, e outro branco, cor-de-rosa. Onde descubrem os segredos das cores) Nos estudos a respeito das obras citadas, Silveira (2010) discuti que Ziraldo, na obra, proporciona que essa amizade do menino marrom com o menino cor-de-rosa é proposital, não com intenção de reforçar as diferenças, mas sim de reforçar a identidade étnica. É, pois, imprescindível reconhecer suas próprias características, para identificarem-se como pessoas.

Outro paradidático aplicado em sala de aula que é conhecido por grande parte do público infanto-juvenil é o livro da escritora Ana Maria Machado “Menina Bonita do Laço de Fita”, onde nesta obra retratam questões éticas raciais, promovendo discussão sobre a menina, valores humanos e da diversidade étnica e cultural, da beleza negra e sua identidade. Portanto, essa atividade teve a finalidade de reeducar os estudantes para aspectos voltados ao respeito e a valorização da diversidade em sala de aula.

Ao término das atividades, realizamos a aplicação de um pós-questionário, onde percebeu-se pelos relatos dos alunos, que a maioria sendo correspondida por 75%, análise da **tabela 01**, souberam definir de onde surgiu seus traços fenóticos que foram herdadas de seus ancestrais, fato que indica a apropriação do conhecimento trabalhado através dos paradidáticos e da estratégia lúdica “árvore efeméride”. Esta afirmação é corroborada quando



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

se verifica a categoria “Características herdadas”, onde os alunos demonstraram linguagem escrita dentro do esperado no que concerne a essa diversidade,

Além disto, percebermos a relação que eles fizeram deste conhecimento com a dinâmica do dia a dia no contexto da família, sendo representados por 86%. Logo pode ajudar os alunos a associarem essas informações com que é evidente na sociedade 82%, assim, pode-se auxiliar os alunos a entenderem que a diversidade é evidenciada em todo o lugar.

Bloco de Análise: Estudos sobre Etnicidade e Diferenciação racial			
Analisar através de questionários a compreensão sobre os assuntos que ressaltam os estudos “Etnicidade e Diferenciação racial”.			
CATEGORIAS	UNIDADE SIGNIFICATIVA	FREQUÊNCIA	CITAÇÃO
Características herdadas	Negro, amarela, Índios,	75%	[...] “Sim, a gente tem que se orgulhar, porque sou negro. ” “tenho orgulho de ter o mesmo aspecto dos Índios ” [...]
Familiar	Parda, Preconceito, Cor de pele,	86%	[...] a minha mãe, os meus colegas, fica falando da cor dela. “eu me orgulho do meu cabelo e minha cor”. [...]
Sociedade	Racista, muitas cores	82%	[...] “eu não nego se me chamarem de negra ou coisa do tipo”,” muitas pessoas branca, negras, parda é muita cor ”[...].

Tabela 01: Análise dos questionários



Considerações finais

Podemos perceber, nesta comunicação de resultados, que a escola não é apenas o lugar de construção do conhecimento, mas também da “construção” de identidade, de valores, de afetos; é onde o ser humano, sem deixar de ser o que é se molda de acordo com sua sociedade. Infelizmente, essa pedagogia é vista nos livros didáticos apresentando uma visão eurocêntrica (ligada a Europa como ideia central), sendo vinculada aos estereótipos e seus preconceitos.

Após muitos clamores, esse quadro começou a mudar a partir da aprovação da Lei 10.639/03, que tornar obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, essa é a garantia que algo está sendo mudado. Pequenas contribuições como o estudo dirigido através deste artigo é indispensável no aspecto de promover uma educação que reconhece e valoriza a diversidade, comprometida com as origens do povo brasileiro, onde os próprios alunos, neste trabalho, se reconheceram afirmando a existência de uma identidade sendo estes descendentes de negro, e possuindo o sentimento de orgulho perante as afirmações.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Referências

- BRASIL. Presidência da República Casa Civil: **lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010**. Brasília, 2010.
- BRASIL, Presidência da República Casa Civil, **Lei no 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Brasília, 2003.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Pluralidade cultural, orientação sexual/ Secretaria: Pluralidade Fundamental**. -Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**, tradução de John Cunha comerford, Introduction. F.Barth(ed). Oslo/Boston: Universites Forlaget/Little Brown, 1969.
- COSTA, Mariza Domingos. **Catequese e Educação dos Indígenas na Colônia – alguns apontamentos**. Junho de 2009 pp. 02 á 18
- LIMA, Renato & LIMA, Graça. **Zumbi dos Palmares**, São Paulo: Ática, 2009.
- LUVIZOTTO, C.K. **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, pag.93,2009.
- MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. São Paulo: Ática, 1986.
- MICHELIN, Rita Lourdes. **Cultura e etnicidade: a reconstrução da italianidade em uma comunidade da Serra Gaúcha**. Caxias do Sul: Lotigraf, 2008. pag. 01 à 16.
- PAIVA, Laura Lopes. **Leitura étnico-racial “Lendo e descobrindo o mundo da diversidade”**. Maringá-PR, 2012.
- PINTO, Ziraldo Alves. **O menino marrom**. São Paulo: Ática, 1986.
- RENATO, Ferreira dos Santos, MARQUES. Ana José. **Diversidade étnico-racial: conceitos e reflexões na escola**, 2012 pag.16.
- RUIZ, Marcelo. **Transferência de paradigmas de Ensino: história da didática no Brasil**. 2002 Pag.41.
- SILVA. Adriana. **Diversidade Cultural na Escola: A tarefa por fazer**. São Paulo pp.07. 2012
- SILVEIRA Regina Maria. **Passeio pelas obras de Ziraldo em busca da emancipação literária**. Jacarezinho - 2010.
- VILLAR. Diego. **Uma abordagem crítica do conceito de “eticidade” na obra de Fredrik Barth**. Mana, pag.-192, 2004.